

A indignação dos envolvidos

■ Bisol fica sob fogo cruzado de parlamentares

BRASÍLIA — O senador José Paulo Bisol (PSB-RS), que analisou os documentos da empreiteira Norberto Odebrecht, foi duramente criticado pelos parlamentares. “O Passarinho tem que reagir e restabelecer a ordem. O Bisol virou presidente e relator da CPI”, esbravejou o senador José Sarney (PMDB-AP) na quarta-feira, durante jantar na casa do senador Jonas Pinheiro (PTB-AP). O deputado Mavíael Cavalcante (PFL-PE) foi à tribuna e partiu para a apelação: “Dizem por aí que o senador Bisol é gay”. Mavíael foi armado ao restaurante do Senado e, segundo o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), ameaçou Bisol.

“A CPI tinha que tomar conhecimento destes fatos primeiro, e não o presidente e os ministros militares”, reclamou o senador Francisco Rollemberg

(PFL-PI). “O Mercadante é uma vivandeira de quartel”, condenou o governador do Rio, Leonel Brizola, com parlamentares do PDT, referindo-se à visita do deputado Aluizio Mercadante (PT-SP) ao ministro do Exército, general Zenildo Lucena, na quarta-feira.

“Só tem políticos nordestinos”, constatou o deputado Benito Gama (PFL-BA), coordenador da Subcomissão de Bancos. “Será que só tem ladrão no Nordeste?”, emendou o deputado Moroni Torgan (PSDB-CE). “Como o Bisol disse que tinha cem nomes e só tem do Nordeste, pode ser que os demais sejam das outras regiões”, ironizou Benito, antes de atacar: “Tem que ter a dignidade e a coragem de falar nomes. Quem fala em números agora é covarde, tão sujo quanto a sujeira do orçamento”.

O relator da CPI, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE) engrossou o coro. “É o Comitê de Salvação Pública”, alfinetou, referindo-se ao período do Terror na Revolução Francesa. “Só

uma parte da CPI teve acesso aos documentos”, protestou o senador Elcio Álvares (PFL-ES), ao relatar que o senador Francisco Rollemberg e o deputado Moroni Torgan, designados para examinar os documentos, foram aliçados por Bisol e Mercadante.

“Estas empresas não se entendem entre si, é inadmissível uma organização que tenha em seus quadros a CR Almeida e a OAS”, afirmou Sérgio Guerra (PSB-PE). O senador Teotônio Vilela (PSDB-AL), o senador Antônio Mariz (PMDB-BA) e o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA), citados na lista da Odebrecht, encaminharam ofício a Passarinho abrindo mão de seus sigilos fiscal e bancário. Mariz decidiu também interpellar judicialmente a Odebrecht. O deputado Gedel Lima (PMDB-BA) caiu em pranto e foi para casa. O deputado Miguel Arraes (PSB-PE), também citado, foi um dos poucos que mantiveram a tranquilidade. “Me chamaria de burro se tivesse assinado alguma coisa pedindo dinheiro”, disse.